

C H E R E Ç A Y

(Rio das Lágrimas)

ANOTAÇÕES PARA UM TRABALHO SOBRE OS SETE POVOS DAS MISSÕES

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Dilmar Antonio Messias

POA - junho/julho de 1982

Na mata, o sol serpenteia sem muita força, por entre as folhas das árvores. Na aldeia, os índios movimentam-se como se quizessem aproveitar o que sobra do dia para completarem suas atividades ou começarem outras. Num canto umas índias tecem. Mais adiante um grupo prepara a última refeição do dia. Uns voltam da caçada, outros da pesca. Os mais jovens brincam observando os pássaros ou perseguindo borboletas. Enquanto o cacique atende uma índia em véspera de parto, um casal de índios jovens trocam carícias. De repente a voz do cacique soa mais forte:

CACIQUE: Mitang a Kaã o pabae sē pýtū⁽¹⁾ (duas índias aproximam-se da parturiente que já está sentindo as primeiras contrações e a auxiliam-na a dirigir-se ao mato para ter o seu filho. Logo após sua saída todos voltam a seus afazeres, interrompidos pela voz forte do cacique).

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

II

O sol está invisível. Sobre a aldeia o céu acinzentase lentamente. Os pássaros aumentam seu ritmo em quase deses-

(1) A criança vai nascer no mato. O que desperta sai com a noite.



pero antes de calarem-se definitivamente. A lua começa a sair e o sol, morrendo, derrama uma aquarela vermelha no horizonte: Silêncio. A fumaça da panela sobe ao céu, nada distrai sua trajetória silenciosa. De repente ouve-se um grito. Uma das Índias que havia levado a parturiente irrompe a Aldeia desesperada, causando grande alvoroço. Atrás dela os mamelucos caçadores de escravo:

CAPITÃO TAVARES:

Peguem todos. Não deixem que fujam. Diabos nojentos. Quero todos amarrados. Miseráveis, Bastardos. Esmaguem-nos. Vou ensinar a vocês a não reagirem! Arrazem-nos. Não deixem que fujam. Filhos da mãe! Esfolem-nos. Matem-nos. Imundos pecadores. Filhos do diabo. Monstros!! (Enquanto o capitão vocifera, como se estivesse possuído, os seus ajudantes gritam também).

AJUDANTES: Diabos, nojentos, miseráveis, bastardos. Filhos da mãe. Imundos. Filhos do diabo. Monstros.

Após amarrarem os índios e índias, os mamelucos vão embora deixando a aldeia arrasada e um monte de corpos sem vida. Os que conseguiram fugir para o mato retornam medrosamente, para chorar seus mortos. Para melhor protegerem-se dos mamelucos, os índios embrenham-se nos matos.

III

Numa bela manhã de primavera, ecoa na mata um canto



estranho, compassado. Apreensivos os Índios escondem-se. Mas aquele canto não parecia ser de alguém que tenha vindo para matar, e aquelas vozes suaves, em nada se assemelhavam com a dos mamelucos. Com curiosidade os Índios se aproximaram, e por entre as ramas puderam ver pessoas bastante diferentes no trajar. Eram Jesuítas que rezavam à sombra de uma árvore. Aos poucos os Índios começaram a se sentir contagiados pelos cantos religiosos e foram se aproximando. Os Jesuítas, ao notar a presença dos Índios, continuaram cantando, e depois, um dos padres distribuiu alguns frucifixos e escapulários que os Índios receberam alegremente. Após alguns gestos afetuosos os Jesuítas conquistaram definitivamente os Índios. Estes chamaram outros Índios e vieram mais. Junto, eles trouxeram uma Índia que parecia estar muito doente. Padre Miguel, que tinha algum conhecimento de medicina, examinou-a.

PADRE MIGUEL: (A um Índio) - Traga-me água. (O Índio não atende). Padre Alonzo alcança um cantil. Padre Miguel apanha um pano e despeja a água.

ÍNDIO: mbo-y-u.

PADRE MIGUEL: (Confirmando) mbo -y-u ⁽¹⁾. (Padre Miguel apanha um vidrinho de sua sacola) faz a Índia beber.

ÍNDIO: Mohang ⁽²⁾.

(1) Dar água

(2) Remédio.



PADRE MIGUEL: Mohang ... (A Índia recupera-se)

ÍNDIO: Mohang hab hasy (3)

PADRE MIGUEL: Graças a Deus (A Índia levanta-se)

ÍNDIO: (Surpreso) ang Tupã

PADRE MIGUEL: Graças a Tupã ...

ÍNDIO: Graças a Tupã

IV

O tempo passa, estamos na Missão de São Miguel. Num canto, um padre mostra a um índio umas partituras. No Centro outro Padre discute com homens e mulheres sobre os preparativos da Festa de Corpus Christ.

PADRE: Todas as ruas deverão estar cobertas de toldos bem trabalhados e separados por guirlandas, festas e tapetes de verduras. Quero muita ação.

ÍNDIA: Nós cuidaremos dos Arcos de flores e ramos por onde vai passar o Santo Sacramento.

(3) O remédio corta a dor da cabeça.



- ÍNDIA 2: Não podemos nos esquecer das estrelas e das ervas aromáticas.
- ÍNDIA 3: Estou curiosa para ver as danças. (O padre Alonzo, no outro extremo faz um curativo em Inácio, que está com seu olho ferido).
- INÁCIO: Padre!
- PADRE⁽¹⁾: Que é?
- INÁCIO: Quando um índio morrer ele vai pro céu?
- PADRE: Se seguires os mandamentos de Deus, irás para o céu.
- INÁCIO: E se eu for para o céu, Deus me dá um olho novo?
- PADRE: Claro Inácio, claro.
- INÁCIO: (Após curto silêncio). Padre eu quero um olho azul como o de Pay Antonio.
- PADRE: Está bem, Inácio. Reza e pede a Deus que te dê no céu, olhos azuis como os de Pay Antonio ⁽¹⁾. Entre um mensageiro apressado com uma carta na mão. Padre Miguel lê. Um pequeno silêncio é quebrado por um grito).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 1135
Fone: 226.8242 - CEP 90070-025

(1) - De "O CONTINENTE" de Érico Veríssimo.



PADRE: Não! Não pode ser! (Os outros padres aproximam-se).

PADRE ALONZO: O que houve? (Padre Antonio estendeu-lhe a carta). Impossível! (ele lê dirigindo-se para os Índios). Vocês podem voltar ao trabalho. Irei ter com vocês sem demora. Agora tenho um assunto importante para tratar com os Irmãos. Os Índios saem. (Alcança a carta para Padre Antonio). É o tratado de Madrid acertado em sigilo entre os reinos de Portugal e Espanha... (Padre Miguel lendo).

PADRE MIGUEL: "Das Povoações ou Aldeias que cede sua Magestade católica na margem oriental do Uruguai, sairão os Missionários com todos os móveis e efeitos levando consigo os Índios para aldear em outras terras da Espanha; e os referidos Índios poderão também levar todos os seus bens móveis ou semoventes ... se entregarão as Povoações à Coroa de Portugal, com todas as suas casas, Igrejas e edifícios, e a propriedade e posse do terreno...".

PADRE ALONZO: Todas as suas casas, Igrejas e edifícios e propriedades...

PADRE MIGUEL: Mas isto é um verdadeiro confisco!

PADRE ALONZO: Com este documento forjado no conforto dos gabinetes, El-Rei atira ao desconforto mais de



PADRE: Não! Não pode ser! (Os outros padres aproximam-se).

PADRE ALONZO: O que houve? (Padre Antonio estendeu-lhe a carta). Impossível! (ele lê dirigindo-se para os Índios). Vocês podem voltar ao trabalho. Irei ter com vocês sem demora. Agora tenho um assunto importante para tratar com os Irmãos. Os Índios saem. (Alcança a carta para Padre Antonio). É o tratado de Madrid acertado em sigilo entre os reinos de Portugal e Espanha... (Padre Miguel lendo).

PADRE MIGUEL: "Das Povoações ou Aldeias que cede sua Magestade católica na margem oriental do Uruguai, sairão os Missionários com todos os móveis e efeitos levando consigo os Índios para aldear em outras terras da Espanha; e os referidos Índios poderão também levar todos os seus bens móveis ou semoventes ... se entregarem as Povoações à Coroa de Portugal, com todas as suas casas, Igrejas e edifícios, e a propriedade e posse do terreno...".

PADRE ALONZO: Todas as suas casas, Igrejas e edifícios e propriedades...

PADRE MIGUEL: Mas isto é um verdadeiro confisco!

PADRE ALONZO: Com este documento forjado no conforto dos gabinetes, El-Rei atira ao desconforto mais de



quarenta mil almas.

PADRE ANTONIO: Irmãos, peço-vos calma. Acho que não podemos nos deixar levar pelo calor das emoções.

PADRE ALONZO: Mas Padre Antonio, nós não podemos ser insensíveis...

PADRE ANTONIO: Mas também nós não podemos nos esquecer que devemos obediência à El-Rei e à Companhia de Jesus.

PADRE MIGUEL: Então o Sr. nos pede que aceitemos pacificamente algo com que não concordamos?

PADRE ANTONIO: Não há outro remédio. Tudo já está decidido. Nossos superiores mandaram o Padre Altamirando para ultimar os preparativos da mudança. São nos resta comunicar aos guaranis a decisão das cortes de Portugal e Espanha. (Silêncio. a luz cai lentamente).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

v

Interior da Catedral de São Miguel. Os índios rezam compenetradamente. Após encerrar o culto Padre Antonio dirige-se aos fiéis.

PADRE ANTONIO: Peço que permaneçam em seus lugares, pois tenho notícia não muito agradáveis. Foi assi-



nado o Tratado de Madri e por ordem dos reis de Portugal e Espanha devemos abandonar esta terra no prazo máximo de três meses.

SEPE TIARAJU: Inútil que as Cortes Europeias escrevam tratados que não serão obedecidos.

PADRE ANTONIO: Não temos outra alternativa, devemos partir imediatamente em busca de novas terras.

NHENGUIRŪ: Desta terra não sairemos.

INDIA 4: Que padres são estes dos nossos tempos.

INDIA 5: Os antigos nos defendiam dos nossos inimigos os portugueses.

INDIA 6: Iam na guerra conosco e ainda davam a vida por nós.

PADRE ANTONIO: Calma, por favor, mantenham a calma.

NHENGUIRŪ: Não nos deixemos enganar. Juntemo-nos todos.

SEPE TIARAJU: Prefiro a morte, que um exílio sem fim longe, desta terra que herdamos de nossos avós. Esta terra tem dono, e ninguém nos tira dela.

Os Guaranis dão o seu grito de guerra. Imediatamente abandonam as lavouras, começam a fabricar armas e munições. Trocam os estandartes da Igreja por bandeiras vermelhas e



saem pelas reduções a convocar todos os Índios para o combate.

VI

O Comandante-geral dos Portugueses, General Gomes Freire convida Sepê Tiaraju a visitá-lo. Este a princípio não aceita, mandando perguntar ao general europeu porque não ia ele. Mas finalmente resolve ir. Os soldados portugueses estendem um tapete vermelho no chão, e uma cadeira para o general que nela senta. Postam-se atrás do mesmo, soldados portugueses bem armados e atrás dos soldados algumas peças de artilharia. O corregedor guarani chega acompanhado de alguns Índios.

GOMES FREIRE: Deixem cair as suas armas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SEPE TIARAJU: Porque se o general e a sua gente estão armados?

SOLDADO: (Para Sepê Tiaraju) Beije a mão do general!

SEPE TIARAJU: Eu beijar a mão do general? Porque? Ele não está na terra dele ele está na minha terra. (Silêncio). Olha general, eu vim aqui para dizer que o exercito espanhol voltou em paz e quero que tu e teu exercito façam o mesmo! É isto o que eu tenho prã te dizer.

GOMES FREIRE: Pois fica sabendo, Índio, que eu tenho aqui soldados muito bravos e com eles eu marcho.



sobre os teus Povos.

SEPE TIARAJU: Saiba o General que eu tenho também soldados de muito valor.

GOMES FREIRE: Índio, Tū és um bárbaro.

SEPE TIARAJU: General, és mais bárbaro do que eu! (Dirigindo-se para os Índios) Iã ha!⁽²⁾ (Retornam ao seu acampamento).

VII

Os guaranis cruzam o Ibicuĩ, o Vacacaĩ e chegam aos campos de Santa Tecla. Depois com notícias exatas sobre a situação das forças contrárias, seguem para o Norte ao encontro dos inimigos que estão acampados perto do passo do Vacacaĩ. E na Campina ondulante entre o Jacuĩ o Vacacaĩ e a serra do Batovĩ as duas forças defrontam-se.

SEPE TIARAJU: É chegado o momento. Eu guiarei voces na luta em defesa desta terra que é nossa.

Os Índios atiram-se à luta. Eram frageis contra o forte armamento e a eficiente instrução militar das tropas inimigas. De repente Sepē Tiaraju cai do cavalo e é ferido por um lançamento de um cavaleiro português, mesmo assim ele tenta se levantar mas Viana da-lhe um tiro de pistola e Sepē cai

(2) - Vamos daqui.



mortalmente ferido. Os portugueses e espanhóis retiram-se deixando atrás de si muitos corpos tombados. Sepê com dificuldade pronuncia suas últimas palavras.

SEPE TIARAJU: Eu tinha meu povo, minha gente. Tinha a minha terra que era a nossa terra, e que a nós foi da da por Nhanduvuçu Nosso Senhor Deus. Agora não, agora vejo apenas o fantasma da manõ-aí⁽¹⁾ e os meus olhos agora são o manancial do rio das lágrimas. Lágrimas que verti pela minha gente. Chereça i apacui⁽²⁾. (Sepê morre).

Por entre a fumaça dos restos de guerra aparecem as mulheres guaranis procurando os seus mortos. Juçara aproxima-se do corpo de Sepê e toma-o nos braços.

JUÇARA: Sepê, Sepê, Sepê. Onde está a nossa gente? Onde está a tua vida Sepê? Onde está Deus? (Silêncio). Que sonhos eram os nossos? (Sorri lembrando). Quem te levou Sepê, quem te levou? Foi a maldade dos homens... O que importa? Tu já não respiras, nas lutas e não choras pela tua gente. (Gritando na direção em que as tropas europeias se retiraram). Porque, por que vocês mataram Sepê? Por que vocês mataram a nossa gente? Porque vocês ~~mataram~~^{MATAM} a nossa gente, se tudo o que queremos é paz? Fiquem com seus tesouros suas ganâncias suas violências

(1) Mã sorte.

(2) Rio das lágrimas que verti.



deixem-nos em paz. Fiquem com suas moedas com suas indiferenças suas maldades mas deixem-nos em paz. Fiquem com suas jóias, com suas ambições, seus ódios, mas deixem-nos em paz. (Silêncio) E é a nós que vocês chamam de selvagens. Oh! Por favor deixem-nos em paz. (Juçara chora. Beija o rosto de Sepê e junto com outras índias retira-se).

Cai o Pano



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MJ - DPF - SCDP/SR/RS

R E C I B O

Recebi o Certificado de Censura nº 272/82-RS

e o "script" da peça teatral CHEREÇA Y (RIO DE LÁGRIMAS) ,

de autoria de DILMAR ANTÔNIO MESSIAS

Porto Alegre, _____/_____/_____

(assinatura)